

Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa

Maria Cecília de Souza Minayo
& António Pedro Costa

Resumo:

Este texto é um ensaio. Nele se discute a necessidade de fundamentos teóricos que sustentem a cientificidade das técnicas qualitativas utilizadas em pesquisas de educação, saúde e outras áreas sociais. A hipótese é de que elas constituem o delineamento das estratégias de campo e são determinantes como parte operacional da pesquisa e como práticas teóricas. O texto se inicia com apresentação das principais fontes de informação da abordagem (palavra, imagem e observação); discute-as frente às tradições sociológicas e antropológicas de base compreensiva; e distingue a lógica que embasa as investigações quantitativas e qualitativas. A tese é que essa diferenciação é de natureza e não de validade epistemológica. Em seguida, são tratados três pontos bastante controversos dos estudos qualitativos: o senso comum como sua matéria-prima, a representação e a representatividade nos estudos empíricos e a dialética entre objetividade e subjetividade. Os autores concluem que os critérios de validade fazem parte da correta aplicação do método qualitativo e como lembra Popper (1993), da avaliação inter pares.

Palavras-chave:

técnicas qualitativas; abordagens compreensivas; cientificidade; objetividade, subjetividade, senso comum.

Theoretical Base of the Qualitative Research Techniques

Abstract: This text is an essay. It discusses the need for theoretical foundations that support the scientificity of qualitative techniques used in education, health and other social areas. The hypothesis is that they constitute the design of the field strategies and are determinants as an operational part of the research and as theoretical practices. The text begins with the presentation of the main sources of this approach (word, image and observation); discusses them into the sociological and anthropological traditions of comprehensive base; and tries to distinguish the logic that bases the quantitative and qualitative investigations. The thesis is that the differentiation is of nature and not of epistemological validity. Next, three points of considerable controversy among researchers about qualitative approach are discussed: common sense as its basic material, representation and representativeness in empirical studies, and dialectic between objectivity and subjectivity. The authors conclude that the validity criteria are part of the correct application of the qualitative method and, as Popper (1993) points out, the peer evaluation.

Key-words: qualitative techniques; comprehensive approaches; scientificity; objectivity; subjectivity; common sense.

Fondements théoriques des techniques de recherche qualitative

Résumé: Ce texte est un essai. Il discute le besoin de fondements théoriques qui soutient la scientificité des techniques qualitatives utilisées dans les recherches en éducation, santé et d'autres sciences sociales. L'hypothèse en cause est celle qu'elles constituent la conception des stratégies de terrain et sont des déterminants en tant que partie opérationnelle de la recherche et dans les pratiques théoriques. Le texte commence par la présentation des principales sources d'information de l'approche (mot, image et observation); on les discute en envisageant les traditions sociologiques et anthropologiques basées sur la compréhension et ensuite on fait la distinction entre la logique des enquêtes quantitatives et qualitatives. La thèse défendue, proclame que cette différenciation repose sur la nature et non sur la validité épistémologique. Ensuite, trois points très controversés des études qualitatives sont abordés: le sens commun comme matière première, la représentation et la représentativité dans les études empiriques, et la dialectique entre objectivité et subjectivité. Les auteurs concluent que les critères de validité font partie de l'application correcte de la méthode qualitative et, comme Popper (1993) le rappelle, de l'évaluation par les pairs.

Mots-clés: techniques qualitatives; approches globales; scientificité; objectivité, subjectivité, bon sens.

Fundamentos Teóricos de las Técnicas de Investigación Cualitativa

Resumen: Este texto es un ensayo. En él se discute la necesidad de fundamentos teóricos que sustenten la cientificidad de las técnicas cualitativas utilizadas en investigaciones de educación, salud y otras áreas sociales. La hipótesis es que ellas constituyen el delineamiento de las estrategias de campo y son determinantes como parte operacional de la investigación y como prácticas teóricas. El texto se inicia con la presentación de las principales fuentes de información del enfoque (palabra, imagen y observación); las discute ante las tradiciones sociológicas y antropológicas de base comprensiva; y distingue la lógica que basa las investigaciones cuantitativas y cualitativas. La tesis es que esta diferenciación es de naturaleza y no de validez epistemológica. A continuación, se tratan tres puntos bastante controvertidos de los estudios cualitativos: el sentido común como su materia prima, la representación y la representatividad en los estudios empíricos y la dialéctica entre objetividad y subjetividad. Los autores concluyen que los criterios de validez forman parte de la correcta aplicación del método cualitativo y como recuerda Popper (1993), de la evaluación inter pares.

Palabras clave: técnicas cualitativas; enfoques comprensivos; cientificidad; objetividad; subjetividad; sentido común.

Introdução

Este artigo visa a responder a indagação sobre fundamentos das técnicas de investigação qualitativa utilizadas para pesquisa em educação, saúde e outras áreas sociais. A hipótese é de que elas constituem o delineamento das estratégias de campo e são determinantes como parte operacional da pesquisa e como práticas teóricas (Bourdieu, 1972) que se sustentam, individualmente ou de forma combinada, em fundamentos filosóficos, sociológicos e antropológicos (Gadamer, 1999, Adorno & Horkheimer, 1981, Weber, 1994 Schütz, 1982; Minayo, 2015, 2017a, dentre tantos outros) consagrados no contexto das ciências sociais. Portanto, a resposta à indagação inicial é positiva: as técnicas operacionais devem provir de bases teóricas constituídas de sentenças (no caso dos roteiros) ou orientações (no caso da observação de campo) sendo cada um desses elementos, um tipo de conceito operativo pensado a partir da definição do objeto. As técnicas – que podem ser incontáveis e mesmo inventadas pelo pesquisador – se resumem no uso da palavra, da observação e da imagem, seja de forma triangulada, seja cada uma com sua significância, geralmente no formato de entrevista individual ou grupal e observação. A utilização de qualquer técnica depende do tipo de abordagem qualitativa utilizada pelo pesquisador.

Este artigo se dedica à reflexão somente do caso da pesquisa empírica e se divide em três partes: a primeira diz respeito às técnicas que fazem uso da palavra: os vários tipos de entrevista individual e grupal; a segunda trata da observação e a terceira versa sobre as bases teóricas desses dispositivos.

Técnicas que fazem uso da palavra

A *entrevista*, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação.

A entrevista pode prover informações de duas naturezas: sobre fatos cujos dados que o investigador poderia conseguir por meio de outras fontes, geralmente de cunho quantitativo; e sobre o que se refere diretamente ao indivíduo em relação à realidade que vivencia e sobre sua própria situação. Os cientistas das áreas sociais e de humanidades costumam denominar tais informações como “subjetivas”, pois constituem uma representação da realidade sob a forma de ideias, crenças, opiniões, sentimentos, comportamentos, e ação, ou seja, sobre modos pensar, sentir, agir e projetar o futuro. A respeito da relevância desse mundo subjetivo, William Thomas (1970), um dos fundadores da pesquisa qualitativa empírica na chamada Escola de Chicago (Minayo,

2017a), cunhou a seguinte expressão: “*quando alguém considera uma situação como real, ela é real em suas consequências*” (Thomas, 1970, p. 247).

É necessário assinalar que a entrevista, como forma privilegiada de interlocução na pesquisa social, está sujeita à mesma dinâmica que as relações presentes na sociedade ou no grupo social, objeto de investigação.

O que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (Minayo, 2015, p.63).

Cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e as sombras da realidade, tanto no ato de realizá-la como nos dados ali produzidos. Portanto, pelo fato de provocar a fala sobre determinado tema, a *entrevista*, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes da observação do cenário em estudo. Desta forma, além da expressão verbal, seu material primordial, o investigador terá em suas mãos, elementos de relações, atitudes, práticas, cumplicidades, omissões e outros elementos da vida social que marcam o cotidiano.

Vários tipos de entrevista individual

Considerada como “uma conversa com finalidade” (Minayo, 2015) a entrevista individual se caracteriza por sua forma de organização e utilidade para os estudos a que se destina: (a) levantamento de opinião, quando é mediada por um questionário totalmente estruturado, no qual a escolha dos interlocutores está condicionada às respostas a perguntas formuladas pelo investigador; (b) entrevista semiestruturada, que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados. Essa modalidade é a mais utilizada por principiantes. (c) Entrevista aberta ou em profundidade, que consiste numa interlocução livre, balizada pelos parâmetros do objeto de estudo. O pesquisador apresenta brevemente o objetivo e o sentido da conversa e seu interlocutor discorre à vontade sobre o tema. O foco aqui são as modalidades abertas e as semiestruturadas.

Sobre entrevistas fechadas - Não caberia neste texto que se limita à investigação qualitativa falar sobre todas as virtudes do uso de questionário. Há livros que ensinam como elaborá-los e enumeram os cuidados e o rigor científico exigido para sua validade, assim como para sua articulação com a investigação qualitativa. Entre as obras que tratam do tema nesse último âmbito, recomenda-se o livro “Avaliação por triangulação de métodos” (Minayo, Assis & Souza, 2005) e “Limits and possibilities to combine quantitative and qualitative approaches” (Minayo, 2017b). No caso da investigação qualitativa, os questionários têm um lugar de complementaridade em relação às técnicas de aprofundamento compreensivo e dialético. Pois, enquanto na abordagem qualitativa, o foco é no entendimento da intensidade vivencial dos fatos e das relações humanas, os estudos quantitativos se dedicam a conhecer e a explicar a magnitude de tais fenômenos. As duas dimensões são importantes, particularmente quando combinadas.

Sobre entrevistas semiestruturadas – Essa modalidade difere do tipo aberta, por obedecer a um guia que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador na interlocução. Por ter um apoio claro na sequência ordenada de um roteiro, a abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade. No entanto, os que assim trabalham correm o sério risco de não inovarem e de apenas obterem respostas a seus questionamentos, quando não dão margem para ouvir, de forma livre, as relevâncias dos interlocutores em campo.

Sobre entrevistas abertas – Nesse tipo de interlocução, o investigador explica o propósito da conversa e, no decorrer da narrativa, vai entremeando perguntas a partir do que é dito pelo entrevistado, com o único objetivo de dar mais profundidade à reflexão. A ordem dos temas não obedece a uma sequência rígida, pois o intuito do pesquisador é acolher as relevâncias e ênfases que o entrevistado dá ao tema. A quantidade de material produzido nesses encontros tende a ser mais denso e a ter um grau de profundidade incomparável em relação ao questionário e, também, ao roteiro semiestruturado, pois alcança regiões subjetivas inacessíveis ao esquema de pergunta e resposta. Em sua realização, o pesquisador precisa estar muito atento e trabalhar com uma espécie de esquema oculto de pensamento, buscando sempre encontrar os fios relevantes para aprofundar a interlocução. Esse tipo de conversa busca vários objetivos: (a) descrição do caso individual; (b) compreensão das especificidades culturais dos grupos; e (c) comparação de diversos casos. O investigador visa a alcançar essas metas mantendo uma relação livre de amarras, mas vigilante para que o relato ouvido não fuja do escopo da pesquisa.

Entrevistas de grupo

As técnicas de entrevista em grupo mais comuns são a modalidade focal, de *brainstorming* ou chuva de ideias, a nominal e a de projeção. Qualquer um desses tipos pode ser empregado separadamente ou de forma combinada.

O *grupo focal* se constitui num tipo de entrevista com um pequeno número de pessoas (de seis a doze). (Gaskell, 2002). O termo focal assinala que se trata de um encontro para aprofundamento em algum tema (o foco), para o qual a lente do pesquisador está apontada. O pressuposto metodológico é o valor da interação, da troca de opiniões entre os participantes quando a reflexão de um pode influenciar o outro, provocar controvérsias ou permitir o aprofundamento de uma reflexão. A ideia é explorar e mapear consensos e dissensos sobre o tema em questão. A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral ao específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador que seja capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e cada um dos participantes, explorando o que há de original nos entendimentos e nas controvérsias, aprofundando-os. Como a técnica se fundamenta na capacidade humana de formar opiniões e atitudes em interação, o uso dos grupos focais contrasta com a aplicação de questionários e entrevistas que se concentram nas opiniões ou narrativas individuais. Difere-se também da observação de campo, onde se focalizam comportamentos, relações e os imponderáveis da vida social.

Brainstorming ou *chuva de ideias* é uma técnica de grupo orientada para gerar novas informações e promover o pensamento criativo, sobre temas específicos, também juntando poucos participantes (Forsyth, 2014). Já nos anos 1940, Osborn (1963) ressaltava que num processo interativo de grupo não estruturado, essa técnica gera mais e melhores ideias do que quando as pessoas trabalham individualmente. Ela tem múltipla utilidade: para definir o tema de um trabalho, para discutir conceitos novos, para tratar problemas e buscar soluções. Nos grupos de *brainstorming* há três papéis a serem desempenhados: coordenador, relator e membros, cada um com funções específicas. A escolha de participantes ativos é fundamental. Ao coordenador corresponde preparar a reunião, eleger os participantes, garantir um ambiente adequado, descrever o tema em tela, explicar as regras do trabalho, orientar sobre os objetivos previstos e conduzir o processo de discussão em que todas as ideias são bem-vindas. Ao relator cabe o registro de todo o processo interativo e criativo e apresentação de uma síntese ao final.

Existe uma modalidade de *brainstorming silencioso*, outra técnica bastante proveitosa, dependendo do objeto de estudo. O coordenador convoca os participantes a pensar e a expressar suas ideias sobre determinado tema em breves palavras, numa folha de papel, silenciosamente. O que foi escrito é colocado sobre a mesa. Em seguida, as folhas escritas são intercambiadas entre os participantes que agregam novas ideias às que inspiraram o companheiro, sucessivamente. Este processo, além da

expressão pessoal, permite que cada participante valorize as ideias dos outros, evitando-se intimidações por parte de membros mais dominantes do grupo.

O *grupo nominal* é um processo de dinâmica de grupo, uma variação do *brainstorming*, que tem por finalidade chegar a uma solução de determinado problema através de votação (Potter et al., 2004). Essa técnica costuma ser usada quando se quer obter consenso dentro de uma equipe, sem que um integrante influencie o voto dos demais. Ou ainda, é relevante nos grupos organizados para pesquisa, para escolher os temas mais significativos que comporão questionários e roteiros, ou ainda, as melhores soluções a serem tomadas para resolver problemas. Geralmente o grupo nominal segue os seguintes passos: frente a uma questão posta pelo pesquisador, os participantes escrevem numa folha de papel a ideia que lhe pareça mais importante, silenciosamente. Num quadro negro ou numa página eletrônica, um coordenador anota todas as propostas para compartilhamento. Em seguida, abre-se um debate sobre a reincidência e a relevância dos temas expressos e faz-se uma escolha dos pontos mais importantes ou prioritários. E consolida-se uma síntese coletiva. A *entrevista projetiva* (Van Housse, 2011) utiliza dispositivos visuais, como filmes, vídeos, pinturas, gravações, fotos, poesias, contos, redações, como mediadores de pesquisa com grupos. Geralmente, frente a temas difíceis de serem tratados diretamente, ou a assuntos pouco familiares aos participantes. O meio são os dispositivos visuais que servem para provocar os grupos de discussão coletiva. O termo projetivo diz respeito ao fato dos entrevistados não se referirem a si diretamente. Mas, ao falarem de algo fictício ou alheio expressam a si mesmos, seu modo de pensar, sentir e agir. O momento após uma mediação projetiva pode ser a organização de um grupo focal ou de uma roda de conversa, ou ainda, por exemplo, uma pequena redação dos participantes sobre o assunto em pauta.

As *entrevistas em grupo* podem ter uma função complementar à observação participante e às entrevistas individuais, ou podem se constituir em técnicas únicas e singulares de abordagem. Elas costumam ser usada para: (a) ajudar a formular perguntas mais precisas em questionários; (b) contribuir para o desenvolvimento de hipóteses; (c) esclarecer algum tema que tenha ficado obscuro em entrevistas ou questionários; (d) e cada vez mais, como técnica exclusiva apropriada para constatar a força das interações e da intersubjetividade.

Observação participante

A *Observação Participante* é parte da pesquisa empírica qualitativa, e em determinadas circunstâncias, é usada também como técnica exclusiva de pesquisa. A melhor forma de defini-la é apresentando o clássico pensamento de Malinowski (2005), o antropólogo mais famoso na definição de métodos e técnicas de trabalho e observação de campo:

Há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados por meio de perguntas ou de documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua realidade. Denominemo-los “imponderáveis da vida real”. Entre eles se incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, detalhes do cuidado com o corpo, forma de comer e de preparar a comida; tom das conversas e da vida social ao redor das casas, a existência de grandes hostilidades, simpatias e antipatias entre as pessoas; a forma sutil mais inquestionável em que as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento dos indivíduos, e as reações emocionais dos que os rodeiam (Malinowski, 2005, p. 55).

Malinowski faz uma crítica radical dos tipos de investigação social que apreendem somente um nível da realidade, considerando que esse tipo de ciência percebe só o esqueleto da sociedade, mas não compreende a vida que palpita, porque ele fica longe do lugar onde essa vida acontece. Valorizando a importância de ouvir as pessoas, da observação direta e, ao mesmo tempo, o papel do pesquisador, Malinowski completa: *“Toda a estrutura de uma sociedade se encontra incorporada no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano”* (Malinowski, 2005, p. 40).

Esse autor ensina o que observar numa realidade empírica determinada: (a) o conjunto de regras formuladas ou implícitas com as quais se guiam os componentes do grupo social; (b) a forma como essas regras são obedecidas ou transgredidas; (c) os sentimentos de amizade, de antipatia ou simpatia que permeiam os membros da coletividade; (d) o aspecto legal e o aspecto íntimo das relações sociais; (e) as tradições e os costumes e a importância que lhes são atribuídos; (f) as ideias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da vida, verbalizados ou evidenciados em gestos e atitudes e categorias de pensamento. Apesar de propor um roteiro de observação, Malinowski ressalta que o pesquisador deve viver a tensão entre uma rigorosa preparação teórica e uma abertura para o que a livre vivência no campo lhe oferece.

Quanto mais problemas o investigador levar a campo, quanto mais estiver habituado a confrontar suas teorias aos fatos e a considerar a importância dos fatos para a teoria, melhor capacitado estará para o trabalho. As ideias preconcebidas são perniciosas em qualquer tarefa científica, mas os problemas previstos constituem a principal qualidade de um pensador científico, e esses problemas são revelados, por primeira vez ao observador, por seus estudos teóricos (Malinowski, 2005, pp.45).

Um autor que não poderia faltar nesta reflexão é Schütz (1982) quando assim orienta a presença de um pesquisador qualitativo em campo: (a) colocar-se no mundo dos entrevistados, buscando entender os princípios gerais de sua vida cotidiana. Desvelar essa lógica é uma condição preliminar da investigação qualitativa; (b) manter uma perspectiva aberta que lhe permita valorizar as relevâncias dos atores sociais diante

das perspectivas teóricas. (c) despir-se da postura de quem sabe, entrando na cena social como uma pessoa comum; (d) adotar, em campo, uma linguagem do senso comum própria dos atores sociais que ele observa.

Existe um estudo clássico de Raymond Gold (1958), no qual o autor propõe quatro situações teoricamente possíveis para o observador em campo. Elas vão da definição do participante total ao observador total.

Por participante-total, Gold (1958) entende a situação do investigador que se coloca de tal forma inserido no campo que se torna um do grupo, um “nativo”. Esse é um tipo de postura que merece consideração. Ao se tornar “nativo” o pesquisador corre o risco de perder uma perspectiva crítica e de estranhamento. Já o participante-*como-observador* deixa claro para o universo dos pesquisados que sua relação de imersão no campo tem como limite o tempo de sua pesquisa. No entanto, compartilha da vida cotidiana, adota hábitos locais, age de forma solidária e vivencia acontecimentos, festas e eventos considerados importantes pelos entrevistados. A consciência por parte dos dois lados, sobre a relação temporária ajuda a minimizar os problemas de saída do campo. O *observador-come-participante* dá mais atenção às entrevistas e utiliza a observação como uma técnica complementar, geralmente empregada concomitantemente. A observação, nesse caso, é quase formal, realizada em curto espaço de tempo e suas limitações derivam do contato bastante escasso e superficial. Como *observador-total*, o investigador praticamente não se comunica com as pessoas e ambientes que está estudando e nem se envolve com a vida de seus interlocutores. Por expressar pouca empatia, essa é uma estratégia raramente usada na pesquisa qualitativa.

Para concluir, os quatro papéis do observador, tipificados por Gold (1958), não são unívocos. Na verdade, nenhum deles se realiza puramente. Em diferentes etapas do trabalho de campo, um procedimento pode ser privilegiado em relação a outros. Por isso, mais que um *a priori* do tipo de investigador que se deseja ser em campo, é preciso considerar a observação como um processo construído mutuamente e em interação. Em parte o pesquisador define seu papel, em parte ele é definido pela situação e pela perspectiva dos atores locais. É evidente que as dificuldades de inserção em campo não podem ser pensadas somente como questão que o tempo de contato resolverá. Existem problemas que devem ser objeto de reflexão, mudança de postura ou qualquer outra atitude sábia que o pesquisador possa e deva tomar, aconselhando-se com colegas mais experientes.

O investigador que faz observação participante está mais livre de preconceitos. Na medida em que convive com determinado grupo, a ele é possibilitado poder corrigir seus instrumentos de pesquisa retirando questões irrelevantes e acrescentando outras mais importantes do ponto de vista dos interlocutores. Porque consegue compreender os aspectos significativos que vão aflorando aos poucos, e pode ir vinculando os fatos com suas representações e descobrir contradições entre normas, regras e práticas.

Questões epistemológicas dos instrumentos de pesquisa qualitativa

Propõe-se a seguir, uma breve reflexão sobre questões costumeiramente levantadas sobre a pesquisa qualitativa em geral e, em particular, sobre as técnicas e instrumentos de investigação: dialética entre uso do senso comum e conceitos científicos; dialética entre representação e representatividade; dialética entre objetividade e subjetividade. Todos esses três temas confluem para definir uma lógica própria dos estudos compreensivos (Schütz, 1982, Minayo, 2015, 2017a).

Dialética entre senso comum e conhecimento científico

O uso do *senso comum* na pesquisa qualitativa empírica não é um problema, ao contrário é o procedimento correto, porque é sobre o mundo da vida que se processam tais estudos. O reconhecimento de seu valor parte do princípio de que no mundo da vida, cada pessoa possui um corpo de conhecimentos e experiências, produto de seu modo de pensar, sentir, comportar-se e relacionar-se. Esse saber prático orienta a forma de enfrentar problemas, planejar o dia a dia e projetar o futuro (Schütz, 1982). A sedimentação das experiências e vivências do indivíduo e de seu grupo social adquiridas ao longo da existência é denominada por Schütz como “estoque de conhecimentos”. Esse material de origem primária se expressa na linguagem e tem como base a possibilidade do entendimento humano. Diferentemente das escolas positivistas, para as quais o senso comum é um “pré-conceito” que pode prejudicar o alcance da verdade, para os estudiosos da pesquisa qualitativa, o senso comum contém a verdade da experiência e da vivência orientada coletivamente para o que é correto, plausível e prático. Ele funciona como uma receita armazenada desde a infância, é utilizado ao longo dos anos e se torna responsável por representações, hábitos, condutas e ações. Ao analisar o senso comum, Schütz (1982) adiciona-lhe valor mostrando que na vida prática, o indivíduo adquire uma capacidade de tipificação da realidade que vem da cultura ou é acrescentada a ela. São os conhecimentos e as tipificações baseadas na experiência e na vivência que configuram o senso comum. Para efeitos deste estudo, a conclusão a que se chega é que qualquer roteiro ou guia de observação não devem conter itens intelectualizados e sim, tópicos que ajudem os interlocutores a discorrerem sobre sua experiência a respeito da pesquisa em pauta. No entanto os itens devem ser pensados teoricamente sempre em conjugação com o objeto.

Dialética entre representação e representatividade

Segundo estudiosos da pesquisa qualitativa (Denzin & Lincoln, 2005, Minayo, 2017a), quando se considera que cada indivíduo, compreendido através das informações oferecidas em entrevista individual ou de grupo, é um exemplar restrito e peculiar de sua cultura e de sua subcultura, afirma-se em consequência que: (a) quanto mais rico for o material produzido numa entrevista, mais ele possibilitará uma análise aprofundada; (b) a ordem afetiva e da experiência é mais importante na fala dos entrevistados que os elementos racionais, nas abordagens compreensivas; (c) quanto menos estruturada for a entrevista, mais ela contribuirá para ressaltar os níveis socioafetivos e existenciais; (d) quanto mais pensada, cuidada e empática for a observação da vida e das relações interacionais diante do tema em tela, melhor o pesquisador compreenderá a lógica interna do grupo estudado.

Sobre a representatividade da enunciação individual para expressar o coletivo, há várias respostas possíveis e aqui se apoia na contribuição de três autores. Em primeiro lugar, a palavra de Gadamer (1999) que ressalta, em sua hermenêutica filosófica, a dialética entre o grupo cultural e o indivíduo. Segundo o autor, cada individualidade é manifestação do viver total embora não seja a totalidade do viver. Nesse sentido, a fala de cada um deve ser valorizada, mas não de forma absoluta, uma vez que o sujeito não se esgota na conjuntura em que vive e nem sua ação e pensamento são meros frutos de sua vontade, personalidade e desejo. Sua narrativa precisa ser balizada pelo pensamento do outros, pois é também reveladora do grupo em que está inserido e de seu tempo histórico. Toda singularidade está entranhada de cultura. Um segundo autor de importância nesse caso é Bourdieu (2003), quando desenvolve a noção de *habitus* como um dispositivo para pensar as características de uma experiência biográfica a partir da identidade social que orienta o indivíduo, consciente ou inconscientemente. O indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio-histórico, dotado de interioridade e de uma configuração social exterior a ele. O terceiro autor de importância é Norbert Elias que também trabalha com a noção de *habitus* numa abordagem configuracional (Elias, 1998). Segundo o autor, a sociedade e os grupos são vistos como espaços de interação e de redes intercomunicantes. As relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente, ou seja, conformando identidades pessoais e sociais. Desta forma uma entrevista com alguém de um grupo é, ao mesmo tempo, um depoimento pessoal e coletivo. Em sentido idêntico e de forma operacional, vários autores falam de um modelo de consenso cultural para estudos qualitativos, o que permite um número finito de entrevistas e observações. Em consequência, é importante valorizar a aplicação correta das técnicas, de tal forma que elas possam trazer do fato empírico as construções intersubjetivas do campo.

Dialética entre objetividade e subjetividade

Falar de objetividade é aludir a critérios de fidedignidade e de validade. Popper (1993) comenta que a objetividade é uma questão social dos cientistas, envolvendo a crítica recíproca, e “*a divisão hostil-amistosa de seu trabalho, sua cooperação ou também sua competição*” (pp. 195). Falta de objetividade é um dos temas recorrentes de crítica aos praticantes da pesquisa qualitativa. É óbvio que qualquer objeto de estudo passa pelo sujeito e a neutralidade pode ser considerada um mito, uma vez que todas as ações humanas – inclusive a de pesquisa - partem de um sujeito, de suas escolhas e de suas referências preferidas e, muitas vezes, de seu projeto de vida. No entanto, nas ciências naturais e exatas, o termo “objetividade” costuma ser utilizado no sentido de distanciamento metodológico. Daí que há uma diferença imensa com os estudos qualitativos em que sujeito e objeto (que também é sujeito) estão em interação, sendo que o êxito das pesquisas empíricas depende intrinsecamente da capacidade de entendimento do outro, o que se dá por aproximação (Bachelard, 1969) e não por distanciamento.

Sobre essa especificidade, Cicourel (1969) comenta que quanto maior é a participação do observador no seu ambiente de estudo, maior é o risco do envolvimento, mas também, maior é a possibilidade de ele penetrar na “região interior” do grupo. Nesse sentido, a empatia é fundamental (Minayo, 2015), pois se a participação mais profunda pode dificultar o teste de hipóteses, em contraposição, permite desvelar os códigos do grupo e seus significados mais íntimos. Demo (2008) prefere chamar de “*objetivação*” o processo de pesquisa qualitativa. Essa objetivação significa evidenciar por meio do aprimoramento do método, das técnicas e dos instrumentos, uma aproximação maior possível do objeto no entendimento “*da sua lógica interna*”, colocando-o no contexto e discutindo-o com o conhecimento acumulado na literatura nacional e internacional.

No sentido da *objetivação*, propõe-se o uso correto das técnicas e dos instrumentos e uma compreensão ao mesmo tempo aprofundada e crítica do objeto, acrescida por uma visão crítica dos procedimentos usados e da inserção do pesquisador no campo. Sobre essa inserção, Cicourel recomenda (1969) que seja qual for o resultado da investigação, é preciso explicitar o contexto no qual ela se desenvolveu e as condições do trabalho no campo. Referindo-se aqui, especificamente às técnicas, existem alguns cuidados possíveis de serem realizados que potencializam sua importância, como por exemplo, a triangulação delas e das fontes, o que permite olhar o objeto sob seus diversos ângulos e comparar os resultados do uso de umas e de outras.

Algumas considerações

Ao terminar estas reflexões, é importante lembrar que, como os estudos quantitativos, as técnicas para abordagens qualitativas também apresentam limitações: elas não se adéquam a grandes universos de pesquisa e seu espaço é muito mais o de aprofundamento do sentido das ações e muito menos o de explicação da magnitude dos fenômenos. A arte é encontrar nos dados conseguidos por meio de técnicas desenvolvidas em intersubjetividade - e não fora deles - o que torna qualquer problema local parte de questões universais: seu enraizamento no mundo e suas possibilidades transformadoras (Adorno & Horkheimer, 1981).

Um ponto importante sobre as técnicas é que elas são mediadoras entre a teoria e a empiria. Portanto são muito importantes como partes de um processo de pesquisa sistêmico. Pois elas viabilizam a construção do objeto e propiciam informações para análise. Mas, uma técnica não vale por si mesma. E sim, por sua potencialidade de aproximação do tema em tela. Muitos artefatos tecnológicos têm sido criados para mediar a produção de análises qualitativas. Há pesquisadores que os utilizam e certamente encontram neles um importante apoio, como o demonstra a obra de Pope & Mays (2009). Mas é um erro pensar que um *software*, por melhor desenvolvido que seja, faça pesquisa qualitativa. Quem faz é o pesquisador, para quem, o recurso a múltiplas técnicas tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria-prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade.

Desta forma, sendo parte de um processo sistêmico, os meios fazem parte da expectativa e da lógica de produzir um concreto pensado, compreensivo e crítico. A tarefa de articulação de todas as etapas de construção de dados e de analisá-los é um privilégio do pesquisador num contexto intersubjetivo indissociável e filosoficamente fundamental nos estudos compreensivos. No texto, ora apresentado, toda a reflexão supôs a presença e o acompanhamento do pesquisador. Sua implicação no trabalho se constitui numa perspectiva circular que, ao mesmo tempo, aprofunda o conhecimento da realidade e a recria teoricamente. Essa filosofia é estruturante. De tal forma que técnicas podem ser inventadas e propostas. Mas as bases fundamentais da pesquisa qualitativa são as que lhes dão sentido e propósito (Minayo, 2017a).

O reconhecimento de que existe uma polaridade complementar entre sujeito e objeto no processo qualitativo de construção científica leva, por sua vez, à necessidade de um esforço metodológico que garanta a *objetivação*, ou seja, a produção de uma análise o mais possível sistemática e aprofundada. Nesse sentido, sem contradizer o que foi dito no parágrafo anterior, é preciso valorizar as técnicas que minimizem as incursões do subjetivismo, do achismo e do espontaneísmo. A construção dos instrumentos deve traduzir os conceitos em itens observáveis ou em guias para conversas

no campo, permitindo, a *posteriori*, organizar, categorizar, contextualizar e construir o relato final que será sempre um texto provisório.

A área de educação é um terreno fértil de construção de conhecimento intersubjetivo e estratégico seja para amadurecer determinados temas, seja para estudar relações, seja subsidiar mudanças, seja para avaliar, seja para análises institucionais. Espera-se que esta reflexão sobre técnicas da pesquisa social qualitativa contribua para isso.

Referências

- Adorno, T., Horkheimer, M. (1981). *Sociológica*. Madrid:Taurus.
- Bourdieu, P. (1972). *Ésquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Librairie Dorz.
- Bourdieu P. (2003). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Bachelard, G. (1969). *Essai sur la connaissance approché*. Paris: J.Vri.
- Cicourel, A. (1969).Theory and method in field work. In A Cicourel. *Method and measurement in sociology*, (pp. 39-72). New York: The Free Press.
- Demo, P. (2008). *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Elias, N. (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Forsyth, D. (2014). *Group Dynamics*. Belmont, California: Wadsworth Engage Learning.
- Gaskell, G. (2002). *Entrevistas individuais e grupais. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Gadamer, H. (1999). *Verdade e método*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gold, R.L. (1858). Roles in Sociological Field Observations, *Social Forces*, 36, (3), 217-223.
- Malinowski, B. (2005). *The argonauts of the Western of Pacific*. Loondon; Routledge.
- Minayo, M.C.S., Assis, S.G. & Souza, E.R. (2005). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Minayo, M.C.S. (2010). Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. *Salud Colectiva*, 6,(3), 251-261.
- Minayo, M.C.S. (2015). *O desafio do conhecimento*. 14ª. Ed. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M.C.S. (2017a).Foundation, mishaps and dissemination of qualitative research. In A.P. Costa, Reis, L.P., Souza, F.N, Moreira, A. (Ed.). *Computer supported qualitative research*, (pp. 55-70). Poland: Springer.
- Minayo, M.C.S.(2017b). Limits and possibilities to combine quantitative and qualitative approaches. In S, Oflazoglu. (Org.).*Qualitative versus quantitative research*. (pp. 88-99). Croacia: Intech.
- Osborn, A.F. (1963) *Applied imagination: Principles and procedures of creative problem solving*. New York: Charles Scribner's Sons.
- Pope C. & Mays, N. (2009). *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. Porto Alegre: Artmed.

- Popper, K. (1993). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- Potter, M., Gordon, S. & Hamer, P. (2004). The Nominal Group Technique: A useful consensus methodology in physiotherapy research. *New Zealand Journal of Physiotherapy*, 32,(3), 126-130.
- Schütz, A. (1982). Common-sense and scientific interpretation in human action. *Philosophy and Phenomenological Research*, 1,(14), 1-38.
- Thomas, W. (1970). The definition of the situation. In Coser L. A & Rosemberg, B.(Ed.). *Sociological Theory*,(pp. 245-249). Toronto: Mcmillan Co.
- Van House, NA. (2011). Personal photography, digital technologies and the uses of the visual. *Visual Studies*; 26(2):125-34.
- Weber M. (1994) *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Maria Cecília de Souza Minayo

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

Email: maminayo@terra.com.br

António Pedro Costa

Ludomedia/webQDA e CIDTFF - Centro de Investigação de Didática e

Tecnologia na Formação de Formadores

Departamento de Educação e de Psicologia da Universidade de Aveiro

Campus Universitário de Santiago

3810-193 Aveiro - PORTUGAL

Email: pcosta@ludomedia.pt

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4644-5879>

Correspondência

António Pedro Costa

Ludomedia/webQDA e CIDTFF - Centro de Investigação de Didática e

Tecnologia na Formação de Formadores

Departamento de Educação e de Psicologia da Universidade de Aveiro

Campus Universitário de Santiago

3810-193 Aveiro - PORTUGAL

Data de submissão: Setembro 2017

Data de avaliação: Dezembro 2017

Data de publicação: Julho 2018